

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: MATHEUS BATISTA DOS REIS

TÍTULO: A RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA E EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DE HANNAH ARENDT

AUTORES: MATHEUS BATISTA DOS REIS, MATHEUS BATISTA DOS REIS, LUIZ ANTÔNIO DE SOUZA JUNIOR

PALAVRA CHAVE: POLÍTICA, EDUCAÇÃO, FILOSOFIA, AUTORIDADE, ARENDT

RESUMO

É consenso entre historiadores da filosofia que Hannah Arendt (1906 – 1975) é uma das filósofas políticas mais influentes do século XX. Em obras como *Origens do Totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958) e *Entre o passado e o futuro* (1961), Arendt busca compreender não apenas os eventos políticos de seu tempo, que tanto lhe afetaram, como também os conceitos de poder, violência, autoridade e o papel da educação na renovação do mundo. Ainda que não se possa afirmar que exista propriamente uma filosofia da educação em Hannah Arendt, há, porém, um crescente interesse nos dois textos que integram as discussões educacionais da autora. Trata-se de dois ensaios, a saber, "A crise na educação" de 1958 e publicado em 1961 na obra *Entre Passado e Futuro* e "Reflexões sobre Little Rock" de 1957 e publicado em 1959. No ensaio de 1958, Arendt discute a crise pela qual o sistema educacional norte-americano passava – quando os níveis de instrução da escola básica baixaram de forma abrupta – alertando para o perigo de encarar esse problema como uma questão local, descolada do contexto histórico pelo qual o mundo passava após o fim da Segunda Guerra Mundial. Para a filósofa, haveria uma íntima relação entre a forma como um país se organiza politicamente e as consequências disso para o sistema educacional. No caso americano, Arendt acredita que a diversidade da população – composta em grande medida por imigrantes – dá à educação uma função diferente e "incomparavelmente mais importante politicamente do que em outros países" (ARENDT, 1992 p.223). Haveria na gênese do estado americano um otimismo quanto às possibilidades de um novo mundo, marcado pelo suposto fim da pobreza e da escravidão. Inevitavelmente, o novo mundo – por vezes, utópico – volta-se para aqueles que também são novos, ou seja, as crianças. Nesse sentido, a educação assume lugar central na tentativa de moldar o novo. Mas há um importante desafio aqui: como fazer com que as crianças, que representam o novo, possam de fato concretizar essa novidade na medida em que são educadas por adultos que, em última análise, representam o velho? Seja qual for a proposta educacional feita pelo mundo adulto, ela já é velha; ou antes, mais velha do que as próprias crianças. Para Arendt, "preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo" (ARENDT, 1992 p. 226). O diagnóstico arendtiano é de que a crise foi potencializada por três fatores principais que se entrelaçam: em primeiro lugar, Arendt detecta uma cisão entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos. Além disso, ela também identifica certas transformações na formação de professores e no fazer docente. Finalmente, e interligados aos fatores anteriores, está a substituição, "na medida do possível, [d]o aprendizado pelo fazer" (ARENDT, 1992 p. 232). As implicações dessa cisão podem ser percebidas no ensaio "Reflexões sobre Little Rock". Hannah Arendt discute a decisão tomada pela Suprema Corte americana em 1954 que determinou "que os Estados que possuísem leis segregacionistas iniciassem o processo de dessegregação das instituições escolares". Arendt acusa a decisão de fragilizar a criança na medida em que forçava a dessegregação no ambiente escolar, longe da família, deixando a jovem menina da foto à mercê das outras crianças que a insultavam. Dessa forma, "a dessegregação na educação e nas escolas não tinha apenas deslocado e muito injustamente, a carga da responsabilidade dos ombros dos adultos para os das crianças" (ARENDT, 2004 p.262). A ideia de que existe um mundo separado dos adultos, ao qual é negado o acesso às crianças, enfraquece a noção de autoridade. Ao invés de responder à autoridade de um adulto, a criança é deixada à própria sorte. Nesse sentido, a pesquisa tenta compreender as implicações dessa separação entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos nos problemas enfrentados pelo sistema educacional americano. Sob essa perspectiva, busca-se extrair as relações entre a análise política de Hannah Arendt e suas reflexões sobre a educação. Ao que tudo indica, é possível identificar uma crise da autoridade no contexto político que se alastra para as relações pedagógicas. A tradição surge, então, como um importante elemento para superar as lacunas de um sistema educacional que se fundamenta nessa cisão entre mundo adulto e mundo infantil. Este projeto se desenvolveu através de revisão bibliográfica, trabalhando com textos da bibliografia primária e secundária. Os textos centrais da bibliografia primária são os ensaios "O que é a Autoridade?" e "A Crise na Educação" presentes na obra *Entre o passado e o futuro* (1961); e o ensaio "Reflexões sobre Little Rock" presente na obra *Responsabilidade e julgamento* (2004). Todavia, foram cotejadas outras obras de Hannah Arendt como *A condição humana* (1958), *Sobre a Violência* (1970) bem como outros ensaios das coletâneas citadas.